

Ciência e poder: perspectivas da Psicologia Social contemporânea¹

Marisa Faermann Eizirik e Tania Mara Galli Fonseca
Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional - UFRGS

Resumo

Este trabalho analisa algumas relações entre ciência e poder, tendo como base as contribuições de Michel Foucault, e como foco a Psicologia Social, enquanto campo epistemológico de produção de conhecimentos e de efetivo exercício de práticas sociais.

A crise da Psicologia Social é discutida a partir da reflexão sobre o tempo social contemporâneo, marcado pela globalização e pela pluralidade. A análise aponta para a necessidade de profundas mudanças nos discursos e práticas científicas e profissionais, propiciando modificações nos regimes de verdade que constituem a Psicologia Social e nos modos de subjetivação que são produzidos nela, e a partir dela.

Palavras-chave: poder; psicologia social; epistemologia

Abstract

This paper analyses some relations between science and power, based upon the ideas of Michel Foucault, with the focus on Social Psychology as an epistemological field of production knowledge and effective exercise of social practices.

The crisis of Social Psychology is discussed, starting from the reflection on the actual social time, marked by globalization and plurality. This analysis indicates urgency of deep changes in scientific and professional discourses and practices, providing modifications on truth regimes which constitute Social Psychology and on the modes of subjectivation produced within and derived from it.

Keywords: power; Social Psychology; epistemology.

¹ Science and power: perspectives on contemporary Social Psychology.

Introdução

Neste trabalho, as autoras analisam as relações entre ciência e poder, procurando evidenciar o caráter performativo da produção de conhecimentos científicos. Nesta perspectiva, poder e saber estabelecem relações recíprocas, podendo-se pensar que a Psicologia Social antes do que possuir um potencial representacional da realidade humana e social, exerce, através de seus referenciais teóricos, o poder de constituí-la. Implicações políticas e éticas daí decorrentes permitem desenvolver uma discussão crítica sobre a longa história da Psicologia Social, no bojo de projeto epistemológico da modernidade, suas conseqüências e rupturas no momento contemporâneo.

Nesta análise, a contemporaneidade é vista como tempo social marcado pela globalização e pela diversidade, mostrando-se propícia à reflexão epistemológica e ética e apontando para complexidades e ambigüidades no que diz respeito à noção de progresso. Novas lógicas de produção de existências e de conhecimentos são produzidas no âmbito de tais discussões, reconhecendo-se o fim do ciclo de uma certa ordem científica.

A crise da Psicologia Social não é de espécie tênue. Ela reclama por ações de mudança e pela instauração de um espírito reflexivo que interrogue sobre a potencialidade de afetação existente em nossos discursos e práticas científicas e profissionais. Longe de constituir-se em fenômeno localizado, a crise da Psicologia Social revela-se também como problemática mais geral que atinge a própria compreensão de racionalidade científica.

Michel Foucault, nestas análises, torna-se um parceiro intelectual profícuo e necessário, uma vez que procurou, através de seus estudos, inventar novas maneiras de *fazer história*, novas formas de prática política, multiplicando possibilidades de *acontecimentos*, problematizando o cotidiano e se envolvendo em muitas lutas em torno da justiça, da medicina, da psiquiatria e da sexualidade.

Sobre ciência e poder

Saber é poder, dizia BACON! As ciências e os cientistas sempre estiveram atrelados ao poder - poder da língua, poder da sedução, poder do conhecimento, poder da razão, poder dos conceitos.

Com o cuidado para não cair na armadilha de realizar uma

identificação direta entre ciência e poder - especialmente nos seus aspectos ideológicos, de ocultação da realidade, de denúncia contra um projeto de dominação, chamou-se a atenção para o conceito de poder que será utilizado aqui: poder não no sentido de dominação, de posse, mas compreendido como exercício de relações, de provocação, de turbulência, de problematização dos saberes e das práticas, produzindo efeitos que se traduzem em modos de existência, afetando e constituindo os regimes de verdade de uma época, de nossa época.

Esses saberes têm uma importância político-estratégica. Esse é o papel da ciência, do conhecimento, do saber, discutidos aqui com o objetivo de situar a questão da racionalidade científica e o seu papel na problematização da Psicologia Social Contemporânea.

Dizer que Michel Foucault pode ser um parceiro profícuo na análise e na problematização das relações entre ciência e poder como fundamentos de uma nova racionalidade científica, significa que queremos destacar as implicações desta para as mudanças e transformações que estão a ocorrer nesse campo específico de conhecimento.

O que se está a entender por racionalidade científica? Ela se constitui no campo da verdade (*episteme*), exatamente no que se diferencia da *doxa* (opinião).

O que é a verdade? Pode-se dizer que não existe resposta única para essa pergunta, que se coloca no centro de amplas discussões filosóficas. Há uma confusão entre objetividade e realidade, enfatizada a partir de KANT, que destruiu a ilusão dogmática que acreditava ser a verdade a adequação da idéia à coisa. *Não conhecemos as coisas como elas são nelas mesmas, independentemente do ato pela qual as conhecemos.*²

Isso quer dizer que a verdade se dá num campo histórico de possibilidades. É produzida social e coletivamente. Não existe a verdade, mas verdades, construídas num processo histórico, político, ético, estético. Verdade como produção histórica, cuja análise remete às suas regras de aparecimento, organização e transformação do saber, ensina Foucault, buscando estabelecer as condições de sua existência e não de validade, mostrando, de forma conceitual, a formação dos saberes - sejam eles científicos ou não. Considera *que a verdade é desse mundo*; é uma produção histórica. O erro não é eliminado pela força surda de uma verdade que pode sair da sombra, mas pela formação de uma nova forma de *dizer verdadeiro*.

² Cf. JAPIASSU, H. *As Paixões da Ciência*. São Paulo : Letras & Letras. 1991:322.

A verdade tem uma história e a história das descontinuidades não foi adquirida de uma vez por todas, ela é descontínua e precisa, sem cessar de estar se renovando.

Foucault afirmava haver duas histórias da verdade: a história interna, que tem seus próprios princípios reguladores, e a história externa da verdade: certas regras de jogo (sociedade) fazem nascer novas formas de subjetividade, tipos de saber, maneiras como se arbitram os danos e as responsabilidades - a própria relação com a verdade. Anuncia a episteme como um campo de possibilidades históricas de um saber, complementando: *a episteme é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas ao nível das regularidades discursivas.*³

O saber, nascido das práticas de vigilância e controle, produz sujeitos de conhecimento. Este é um tópico fundamental que desejamos salientar: a relação poder-saber, que marca profundamente a ontologia do presente - constitui regimes de verdade, produz modos de subjetivação.⁴

Ao mostrar os grandes dispositivos de poder e de saber que estavam embutidos na separação gradual e crescente entre loucura e civilização, FOUCAULT abre um campo fecundo de pesquisas em várias áreas do conhecimento - desde a política e a história, até a medicina e a psicologia.

O estudo da anormalidade (seus pontos de separação e diferença com a normalidade) é uma das mais importantes formas em que as relações de poder se estabelecem na sociedade.

O estudo dos saberes, suas semelhanças e continuidades, seus pontos de irrupção, vão marcar a metodologia arqueológica, que disseca e desconstrói as dissociações entre ciência e saber, entre poder e conhecimento.

Ao indagar-se como conhecemos, como construímos categorias e como estas eram diferentes em tempos diversos, Foucault examinou três grandes áreas de conhecimento das ciências humanas: a lingüística, a biologia e a economia - o modo como foram organizadas antes da existência das ciências humanas, estudando o desenvolvimento dos campos conhecidos nos séculos XVII e XVIII como gramática geral, história natural e análise das riquezas. O que marcava a mudança para o mundo moderno?

³ FOUCAULT, M. *La arqueologia del saber*. México : Siglo Veintiuno. 1987a, p. 210.

⁴ EIZIRIK, M. F. *Michel Foucault: sobre a passagem do poder-saber à genealogia da ética*. Porto Alegre. In: *Cadernos de Sociologia*, v.7, p. 25-58. 1995.

A grande mudança estava na ausência do homem dentro do conhecimento científico - e sua inserção a partir daí: - a fulgurante aparição do homem na entrada do séc. XIX e a ruptura que se produz entre esse homem e sua própria origem - o homem aparece como objeto e sujeito de investigação, acontecimento incontornável da episteme ocidental. Essa é a grande ruptura: a relação dos domínios de saber com as práticas sociais.

Esse mesmo acontecimento - o aparecimento do homem como sujeito e objeto de conhecimento, detona com o sistema clássico de representação e inaugura a modernidade, associada à noção de cientificidade objetiva.

Esse acontecimento é um problema que nos é contemporâneo. Pertence a uma camada epistemológica que cobre, ao mesmo tempo, os séculos XIX e XX. É a ordem sob a qual nós ainda pensamos.

Ao introduzir a força como dimensão histórica da luta, do combate, no exercício das diferentes formas de relação entre sujeitos e instituições, Foucault está fazendo uma modificação metodológica e epistemológica de extrema importância. Está mostrando que o poder não é uma forma (como a forma-Estado, por exemplo), que a relação de poder não se estabelece entre duas formas, como saber, que se estabelece entre as formas discursivas, que a força não está nunca no singular: ela está em relação com outras forças. Ao apresentar suas pesquisas sobre o poder FOUCAULT está desmontando o conceito estabelecido no qual alguns tem o poder e outros estão destituídos dele.

O autor está dizendo que a força tem como objeto outras forças... “uma ação sobre a ação dos outros, sobre ações atuais e eventuais, futuras ou presentes... é um conjunto de ações sobre ações possíveis... tendo o pressuposto inalienável da liberdade”.⁵ Liberdade compreendida como o infundável questionamento da experiência, que se dá através das ações e opções dentro de um campo de possibilidades.

Compreendendo o poder como uma relação de forças, constituindo ações sobre ações, suas características são: incitar, induzir, desviar, tornar fácil ou difícil, limitar e ampliar, tornar mais ou menos provável.

O saber é feito de formas, enquanto o poder é feito de forças. Aqui, Foucault introduz o conceito de dispositivo, como máquina que faz

⁵ FOUCAULT, M. El sujeto y el poder. In: *Revista Mexicana de Sociologia*. Ciudad del Mexico, v. 2, n.3, p.3-20, jul./sep. 1988.

ver e calar, e também que faz não ver e falar. O dispositivo se mostra no encontro com o poder, no que este diz ou faz dizer, dos seus cruzamentos, da provocação de suas forças, no confronto e na resistência, na luta e no desafio, nos jogos políticos que o manipulam e nos efeitos produzidos pelo poder.

Esses dispositivos operam como matrizes de razão prática, ou seja, o princípio de conhecimento é o princípio de ação. Matrizes de razão prática que operam através de produção, tecnologias de poder, de signos e de si.

O poder disciplinar não pune, somente; ele também recompensa. Seu objetivo é produzir corpos dóceis; corpo que se manipula, se modela, se treina e obedece; corpo cujas forças se multiplicam, se torna hábil; corpo útil.

O que há de novo nessas investigações é a apresentação do detalhamento do investimento que é feito sobre o corpo, a partir do século XVIII, com o descortinamento dos métodos e estratégias que permitem o controle minucioso das operações do corpo e que permitem sua sujeição. É o registro do nascimento de uma arte das distribuições sobre o corpo humano, de uma “anatomia política” e de uma “mecânica do poder”. Essa arte não é nova, e nem teve uma descoberta súbita.

O poder não representa todas as relações de poder, nem todas suas possibilidades. O poder não é disciplina; a disciplina é um dos possíveis procedimentos do poder.⁶

Com a crítica radical do sujeito humano, através da reelaboração da teoria do sujeito, o que resulta é um conhecimento de:

como se produz , através da história, a constituição de um sujeito que não está dado definitivamente, que não aquilo a partir do qual a verdade se dá na história, mas um sujeito que se constituiu no interior mesmo desta e que a cada instante é fundado e voltado a se fundar por ela.⁷

⁶ É ainda em Vigiar e Punir que encontramos as grandes teses de FOUCAULT sobre o poder, que se desenvolvem em três rubricas, como assinala DELEUZE (DELEUZE, G. Foucault. São Paulo : Brasiliense. 1988). *O poder não é essencialmente repressivo, já que incita, suscita, produz; ele se exerce, antes de se possuir (já que se possui sob uma forma determinável - classe - e determinada - Estado); passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes (já que passa por todas as forças em relação).*

⁷ FOUCAULT, M. *La verdad y las formas jurídicas*. Barcelona : Gedisa. 1995, p. 16.

Refletir sobre ciência e poder, encaminhando para uma análise das perspectivas da Psicologia Social Contemporânea, não significa buscar classificar e estruturar os saberes atuais de forma a constituir uma teoria, ou uma nova teoria, mas sobretudo implica em desenvolver um pensamento que possa se constituir numa ética das práticas epistemológicas. Uma análise das regras de aparecimento, organização e transformação das mesmas, buscando estabelecer suas condições de existência e não de validade, pode ser muito esclarecedora para todos quantos se interessam pelas relações entre ciência e poder.

Perspectivas da Psicologia Social contemporânea

A crise da Psicologia Social contemporânea pode ser tomada como exemplo da crise maior que atinge a racionalidade científica. Não é possível, em nossa opinião, compreender o sentido da crise e de suas implicações, sem abordar as inextricáveis relações entre ciência e poder.

De que posição se fala, pois, para analisar questões referentes à Psicologia Social contemporânea, no contexto deste trabalho?

Há, no mínimo, dois pontos a considerar para uma resposta inicial. Dizem respeito aos regimes temporais em que produzimos verdades a nós próprios enquanto sujeitos; como, outrossim, à atual perda de confiança no projeto epistemológico da modernidade.

Vive-se, neste final de milênio, um tempo de transição, sendo possível dizermos, com Boaventura Santos⁸ que “em termos científicos vivemos ainda no século XIX e que o século XX ainda não começou”. Ao olharmos para o futuro, podemos, também, reconhecer que o século XXI começa mesmo antes de o século atual terminar.

Nosso tempo contemporâneo é marcado tanto pela duração de um passado, quanto pela tendência à instantaneidade, sendo morada na qual se produzem lutas pela constituição e hegemonia de lógicas de sentidos. Revelando-se como um tempo social que pode nos incitar à construção coletiva de novas lógicas de existência e de conhecimento, a contemporaneidade nos faz pensar sobre os reducionismos praticados em nossa visão de história, seja quando a entendemos como um tempo circular e de repetição - que reatualiza o imemorial - seja quando a entendemos como linearidade que estabelece o que permanece e o que

⁸ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto Alegre : Afrontamento. 1996, p. 5.

fica, como declínio ou progressão.

A contemporaneidade instiga à fragmentação da visão, para que se possa apreender novos regimes temporais coexistentes e potenciais, podendo ensinar que, na memória social e subjetiva, todos os dados se encontram acessíveis e em remanejo constante, que não há mesmo um passado, senão o seu remanejo; que o passado se torna um presente disponível; que o tempo, enfim, torna-se uma rede de multiplicidades e que a história é a matéria para as virtualizações possíveis, para múltiplos futuros simultâneos “compossíveis”.⁹ Esta mesma condição contemporânea provoca a perda de confiança epistemológica que, gestada nos padrões científicos da modernidade, nos aponta para o fim do ciclo de uma certa ordem social e científica.

Sabemos que as crises - e a crise da Psicologia Social não seria uma exceção - têm uma duração limitada. Do mesmo modo, sabemos que se pode encerrar uma crise de muitas formas, e que a mesma pode apresentar um caráter tênue e circunstancial ou até mesmo radical, a ponto de motivar transformações na situação que a motivou. A crise da Psicologia Social não é de espécie tênue. Ela a sacode, já por décadas - como de resto a toda Psicologia -, reclamando por ações de mudança.

Como intervir na crise, nós, psicólogos, professores e pesquisadores da Psicologia, se nossos instrumentos de pensamento constituem-se eles próprios nos elementos que a geraram? Como pode alguém ser sujeito de uma cura se ele vê a si mesmo como contaminado pelo que quer curar? Como os cuidados com o conhecer se implicam nos cuidados de si?

Estes são alguns de nossos desafios quando constatamos, ao mesmo tempo, a potência e a impotência de nossas práticas profissionais, de ensino e de pesquisa. De onde se nutrem nossas práticas? Parece-nos que, da fonte de um passado secular remoto, como também de suas mais recentes fraturas que já não acatam mais o lugar da ciência como um lugar inquestionável, a-crítico e, porque não dizer, transcendental?

Nossas práticas nutrem-se, como aponta FOUCAULT,¹⁰ dos e nos entrecruzamentos de múltiplos poderes, permitindo questionar radicalmente as questões da objetividade e da neutralidade científicas desde muito sustentadas.

⁹ Cf. LÉVY, Pierre. *Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1994.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *El orden del discurso*. Mexico: Tusquets. 1987b.

A crise da Psicologia Social, longe de se constituir em um fenômeno localizado, conjuntural e específico, tem suas raízes “em uma problemática muito mais geral que atinge a própria concepção de racionalidade científica”,¹¹ sendo precisamente esta a discussão que alimenta a crítica que afeta a Psicologia Social e outras disciplinas, ao mesmo tempo que nutre o novo pensamento sobre o social.

O que se encontra em crise, portanto, é a própria racionalidade científica moderna que, estendida no século XIX das ciências naturais para as ciências sociais, revela-se como um modelo global e totalitário “na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos princípios epistemológicos e pelas regras metodológicas”.¹² Ou seja, no projeto epistemológico da modernidade, tentou-se retirar do campo da fala legítima tudo o que não pudesse ser justificado empiricamente e racionalmente; identificou-se o limite do entendimento de forma a purgá-lo de todas as quimeras e, no âmbito deste limite, reconstruiu-se o edifício do saber de termos e procedimentos sólidos e indiscutíveis.

Se tal racionalidade se pretendia instituinte de um regime de verdade, e foi capaz de estabelecer uma arrogante confiança epistemológica, através tanto da deslegitimação dos saberes ordinários - provindos da experiência imediata - como de suas concepções mecanicistas a respeito da natureza, ela também percebia, como potencialmente perturbadoras, as chamadas humanidades que, colocadas em lugar marginal, passaram a perseguir seu estatuto social enquanto ciência, a partir da adoção daqueles preceitos ditados pela própria racionalidade que as negava. Para colocar-se como ciência e não como filosofia, a Psicologia inaugurou, nos idos do século passado, com WUNDT, seu ingresso na galeria das ciências, desvinculando-se, então de sua “longa história” com a filosofia, tal como assinala Robert Farr.¹³

Transbordado, assim, para o estudo dos homens e das sociedades, o empirismo lógico vê-se, hoje, confrontado com obstáculos epistemológicos, mostrando-se não mais plenamente capaz de opor-se à maré do

¹¹ IBÁÑEZ, Tomás. *Psicología Social Construcionista*. Mexico : Universidade de Guadalajara. 1994, p.84.

¹² SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto Alegre : Afrontamento. 1996, p. 11.

¹³ FARR, Robert M. *The roots of modern Social Psychology*. Cambridge/Massachussets : Blackwell Publishers. 1996.

irracionalismo então suscitada.

A crise do paradigma dominante - aqui descrita em linhas gerais como efeito e resultado de uma pluralidade de condições - permite, hoje, que se coloque a questão dos fundamentos do conhecimento científico não mais revestida da sacralidade como almejava o cartesianismo.

Neste novo contexto, a reflexão crítica revela o declínio da hegemonia das leis e das causas. Incide, também, mais sobre o conteúdo do conhecimento científico do que sobre sua forma, permitindo revelar que o aviltamento da natureza, operado pelo paradigma mecanicista e empiricista, acaba por aviltar o próprio cientista, na medida em que reduz o suposto diálogo produzido pela ciência objetiva ao exercício de uma prepotência, ou arrogância de um saber.

Referências bibliográficas

- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo : Brasiliense. 1988. 142p.
- EIZIRIK, M. F. Michel Foucault: sobre a passagem do poder-saber à genealogia da ética. Porto Alegre. In: *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v.7, p. 25-58, 1995.
- FARR, Robert M. *The roots of modern Social Psychology*. Cambridge/ Massachussets : Blackwell Publishers. 1996. 263p.
- FOUCAULT, M. *La verdad y las formas jurídicas*. Barcelona : Gedisa. 1995. 174p.
- _____. El sujeto y el poder. In: *Revista Mexicana de Sociologia*. Ciudad del Mexico, v. I2, n.3, p.3-20, jul./sep. 1988.
- _____. *La arqueologia del saber*. México : Siglo Veintiuno. 1987a, 355p.
- _____. *El orden del discurso*. Mexico : Tusquets. 1987b, 64p.
- IBÁÑEZ, T. *Psicología Social Construcionista*. Mexico : Universidade de Guadalajara. 1994. 356p.
- JAPIASSU, H. *As Paixões da Ciência*. São Paulo : Letras & Letras. 1991. 336p.
- LÉVY, P. *Tecnologias da Inteligência*. Rio de janeiro : Ed. 34. 1994. 243p.
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto Alegre : Afrontamento. 1996. 58p.